

## A Teologia Tomista de Reginald Garrigou-Lagrange [21/02/1877-15/02/1964]



Garrigou-Lagrange

Prof. Dr. Paulo Faitanin - UFF

Contran-Marie Garrigou-Lagrange nasceu em Auch (França) aos 21 de fevereiro de 1877. Foi em sua cidade natal que recebeu a primeira educação cristã e frequentou a escola elementar. Realizou seus estudos ginasiais e liceais em diversas cidades. E os concluiu em Tarbes. Entre todas as matérias, aquela em que brilhava extraordinariamente era a filosofia. Certo dia, um inspetor de visita ficou de tal forma impressionado com suas respostas que não quis mais perder de vista o jovem estudante prodígio. O inspetor era Jules Lachelier, um dos mais célebres filósofos franceses do século passado, que, não tendo conseguido conciliar sua fé católica com o pensamento kantiano, renunciara à filosofia para conservar a fé e deixara de ensinar e escrever. Depois da publicação de *Sens commun et la philosophie de l'être* (a primeira obra de Garrigou), o velho ex-inspetor manifestou ao jovem ex-estudante a sua amargura por não ter conhecido antes a filosofia escolástica, que teria fornecido a solução para os problemas de sua existência. Concluído o liceu, Garrigou orientou-se para a medicina, inscrevendo-se na faculdade de Bordeaux, onde estudou durante dois anos, vivendo uma vida extraordinariamente austera para um universitário. Nesse meio tempo sentiu-se chamado à vida sacerdotal, razão pela qual ingressou na Ordem Dominicana em 1897. Com vinte anos de idade, no convento de Amiens, sede do noviciado da província de Paris, recebeu o hábito dos Pregadores e o nome de Reginaldo. Fez seus estudos teológicos sob a orientação do Padre Ambroise Gardeil, um dos mais insignes teólogos da época, célebre pelo ensaio *Le donné révélé et la théologie*. Ordenado sacerdote em 1902, fez cursos de aperfeiçoamento em teologia em Saulchoir, para onde há pouco fora transferido o *Studium* da província de Paris. Em 1904, seus superiores enviaram-no a estudos complementares de filosofia na Sorbonne, onde teve como professor de teórica Henri Bergson e de história da filosofia grega, Victor Brochard. Começou a lecionar em 1905 em Saulchoir, para onde fora nomeado professor de história da filosofia. Desde então, empenhou-se em aprofundar o pensamento de São Tomás e da escola tomista, empresa essa que tomaria toda a sua longa existência. Fundador, com A.M. Jacquin, da *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques* (1907) e, com M. Barge, da *Revue de la Jeunesse* para os jovens (1909). Em 1909, o Padre Cormier, mestre geral da Ordem e fundador do Colégio Angélico, chamou a Roma o Padre Garrigou, então com trinta e dois anos, para lecionar teologia dogmática. Nesse meio

tempo, o jovem já se havia destacado no ambiente filosófico com uma obra de importância capital: *Le sens commun et la philosophie de l'être* (1909). No *Angelicum*, ele lecionou *De Revelatione* por oito anos e depois comentou sucessivamente todas as partes da *Summa Theologia*. De 1917 em diante, ministrou um curso de teologia espiritual que teve um enorme êxito e do qual, além de estudantes de teologia, participaram também prelados, mestres de noviços e até mesmo superiores gerais.

A partir de 1922, começa a passar suas férias de verão em Meudon, junto com Jacques e Raissa Maritain, com os quais tinha fundado os *cerdes de St. Thomas*. Do círculo de Meudon participava um grupo de amigos intelectuais, para os quais Garrigou fazia palestras sobre teologia e espiritualidade. O grupo tomava-se sempre mais compacto: em 1931, são cento e cinquenta, entre os quais nomes célebres como Charles Joumet, Dalbiez, van der Meer, O'Sullivan. Por sugestão do Padre Garrigou, é redigido um diretório para os membros: *De la vie d'oraison*. Ao transmiti-lo aos interessados, Raissa adverte: "Nos baseamos em São Tomás e São João da Cruz." Faz-se voto de oração. Naquele pequeno oásis, reino de São Tomás e São João da Cruz, assiste-se a um verdadeiro florescimento de graças místicas e conversões; em uma menina, desabrochou a flor de uma puríssima devoção a São Tomás; um jovem de vinte anos converte-se, lendo São João da Cruz. Em 1923, publica *Perfection chrétienne et contemplation selon saint Thomas d'Aquin et saint Jean de la Croix*, obra que o coloca imediatamente entre os grandes mestres da vida espiritual do nosso tempo. Ao mesmo tempo, adquire grande reputação também como pregador de exercícios espirituais, atividade que absorve uma notável parcela do seu tempo. Além disso, também é muito requisitado e apreciado como diretor espiritual. Em 1955, é nomeado consultor do Santo Ofício. Já em idade muito avançada e com a saúde bastante abalada, Garrigou sente que o cargo pesa-lhe grandemente, mesmo porque não tem experiência das questões tratadas, em sua maioria de caráter mais prático do que especulativo. Frequentemente sai das reuniões inteiramente esgotado. Entretanto, participa delas de muito bom grado. É um admirador do Cardeal Ottaviani, apreciando sua capacidade de conduzir discussões, resumir e sintetizar questões, posições e argumentos. Foi professor na escola dos dominicanos na Saulchoir, Bélgica (1905-1909), e depois no Ateneo Angelicum (posteriormente, Pontifícia Universidade Romana de Santo Tomás) de 1909 a 1960. Foi professor de muitos notáveis intelectuais católicos deste do século XX, entre eles de M.-D. Chenu, O.P., e de Karol Wojtyła, futuro João Paulo II, de quem foi consultor e supervisor de tese. Só se ausentou do Angelicum um ano e durante as férias, que aproveitava para pregar na Itália, França, Inglaterra, Holanda, Canadá e América do Sul. Em 1960, sua saúde torna-se ainda mais débil, forçando-o a abandonar todos

os seus cargos. Certo dia encontram-no debruçado sobre a escrivaninha, com os olhos cheios de lágrimas. Perguntam-lhe a razão daquilo e ele confidencia: "Meus últimos anos serão terríveis. Senhor, diante de ti não passarei de uma besta, *ut jumentum factus sum apud te*. É tremendo. Mas, se assim o queres, seja feita a tua vontade." E assim foi. Por muito tempo perdeu a lucidez daquela possante mente que por tantos anos tinha irradiado raios de vivíssima luz. Mas soube suportar tal tortura com admirável resignação. Nos momentos sempre mais raros de lucidez, confidenciava àqueles que o assistiam: "Estou contente de ser assim, já que Deus assim o quer. Sobre a terra uma coisa apenas é necessária: *amar a Deus*. E mesmo no meu estado ainda posso amá-lo". Ao convocar o Concílio, João XXIII nomeou o Padre Garrigou conselheiro da Comissão Preparatória Central, mas o padre teve que renunciar; porém, assegurou ao Papa, dedicaria seu sofrimento pelo bom êxito do Concílio. Morreu em Roma no Convento de Santa Sabina em 15 de fevereiro de 1964. Ainda dois dados para completar o perfil biográfico de Garrigou: um sobre sua atividade de docente, outro sobre suas atividades de pensador. Padre Garrigou transcorreu toda a sua vida ensinando. Um de seus discípulos, e mais íntimo amigo, assim recorda sua atividade de docente: "Era um professor extraordinário. Sabia colocar os problemas, apresentar a situação das questões, ressaltar seu interesse e suas dificuldades, mostrar suas conexões e as repercussões lógicas, próximas e remotas das doutrinas, a fecundidade inexaurível de uma verdade solidamente estabelecida, as conseqüências, frequentemente não notadas pelos próprios autores, de um erro de princípio. Tais cursos cheios de vida exerceram uma influência profunda e altamente formadora durante meio século sobre várias gerações de estudantes, seculares ou regulares, de todas as partes do mundo, passaram pelo Angélico". Para o conhecimento do pensador, ou melhor, o *humus* do qual germinou o pensamento de Garrigou, é muito significativo este testemunho do mesmo amigo: "Jamais se permitia leituras de fantasia... Podia-se contar nos dedos de uma só mão os romances modernos que o Padre Garrigou-Lagrange tivera tempo e gosto para ler. Ele lembrava de ter lido *Marie Chapdelaine* durante uma viagem ao Canadá... Alguma vez terá lido um romance policial, escutado rádio, visto a tevê? Creio que não. Não precisava ouvir um disco para pôr-se a trabalhar, embora não carecesse de gosto musical. Essa informação retrata muito bem o pensador Garrigou, que, de uma parte, evita todas as distrações que possam fazer-lhe perder tempo, ao passo que de outra, olha direto para a substância das coisas para compreendê-la, não vê nenhum proveito em deixar-se pela fosforescência da cultura moderna. [MONDIN, B. *Os grandes Teólogos do Século Vinte*. São Paulo: Paulus, 2003, pp. 419-423].